

COVID-19 E AMPLIAÇÃO DA FOME: UMA CRÍTICA AO SISTEMA ALIMENTAR GLOBAL SOB A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL

COVID-19 AND THE EXPANSION OF HUNGER: A CRITIQUE TO THE GLOBAL FOOD SYSTEM UNDER THE MUNDIALIZATION OF CAPITAL

COVID-19 Y EL CRECIMIENTO DEL HAMBRE: UNA CRÍTICA AL SISTEMA ALIMENTARIO GLOBAL BAJO LA MUNDIALIZACIÓN DEL CAPITAL

Lucas Gama Lima¹

lucas.lima@delmiro.ufal.br

RESUMO

A emergência da pandemia de COVID-19 ocorre no contexto em que quase 1 bilhão de pessoas estão subalimentadas. As projeções divulgadas por organismos multilaterais apontam para um crescimento considerável desse montante, até o final de 2020, como um dos efeitos da propagação pandêmica. Em face do exposto, o artigo tem como propósito analisar criticamente a questão da fome em meio à disseminação da COVID-19. Considera-se que o sistema alimentar global, sob a mundialização do capital, e pautado nos monopólios e nas *commodities*, priva a classe trabalhadora, sobretudo, dos países periféricos, do acesso regular aos alimentos, deixando-a mais vulnerável ao vírus e à fome.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, fome, mundialização do capital, monopólios, commodities

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic emergency takes place in the context in which almost one billion people are undernourished. The projections released by multilateral organizations suggest a considerable growth of this amount by the end of 2020, among the effects of the pandemic spread. In that regard, the article serves the purpose of critically analyzing the issue of hunger amidst COVID-19 dissemination. Considering that the global food system under the mundialization of capital and based on monopolies and commodities deprive the working class, especially from peripheral countries, of the regular access to food, leaving it more vulnerable to the virus and hunger.

KEYWORDS: COVID-19, hunger, mundialization of capital, monopolies, commodities

RESUMEN

El surgimiento de la pandemia de COVID-19 ocurre en un contexto en el que casi mil millones de personas están subalimentadas. Las proyecciones publicadas por los organismos multilaterales apuntan a un crecimiento considerable de esta cantidad hasta finales de 2020, como uno de los efectos de la propagación pandémica. Por lo brevemente expuesto, el artículo tiene como objetivo analizar criticamente la cuestión del hambre en el medio de la

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas (UFAL – Campos Sertão). Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe.

diseminación de la COVID-19. Se considera que el sistema alimentario global, bajo la mundialización del capital, y guiado por los monopolios y las commodities, priva a la clase trabajadora, sobre todo, de los países periféricos del acceso regular a los alimentos, dejandola más vulnerable al virus y al hambre.

PALABRAS CLAVE: COVID-19, hambre, mundialización del capital, monopolios, commodities

INTRODUÇÃO

Em meados de abril de 2020, quando o vírus da COVID-19 já alcançava outros continentes, Zizek (2020, p. 30) formulou a seguinte pergunta: “Se uma epidemia mundial se desenvolver, estamos cientes de que os mecanismos de mercado não serão suficientes para prevenir caos e fome?”.

Passados poucos meses, tomamos a liberdade de reformular a indagação do escritor esloveno: considerando que a COVID-19 se dissemina rapidamente e a fome bate à porta, o atual sistema alimentar global será capaz de detê-la? Levando em conta a realidade objetiva, somos obrigados a responder negativamente. Apesar das sombrias projeções de organismos multilaterais e de seus apelos por medidas emergenciais, a fome atormentará a vida de muitos trabalhadores tanto quanto o vírus.

Não se trata de uma fatalidade (FREIRES; FERNANDES; SOUZA, 2017), pois a fome não é obra do acaso, também não se trata de produtividade insuficiente, “pois o mundo produz mais alimento por habitante do que nunca antes” (MADELEY, 2003, p. 49). Em verdade, sob a mundialização do capital (CHESNAIS, 2001), aprofundou-se a histórica contradição do capitalismo, materializada por uma produção crescentemente socializada e, por outro lado, uma desigual apropriação privada. A extraordinária elevação das forças produtivas da sociedade oferece, anualmente, uma oferta de alimentos que excede a demanda, mas não garante a eliminação da fome. Jamais se produziu tanta pobreza e tantos famélicos às margens de ofuscante abundância.

Parte importante dos alimentos foi transformada em *commodities*, dissociando-os de sua precípua função social, que é alimentar as pessoas. Na atual arquitetura do sistema global, o poder dos monopólios é quem, mormente, controla a produção, a distribuição, a circulação e o consumo de alimentos, submetendo a vida de bilhões de indivíduos à reprodução do capital e legando uma horda global de subalimentados.

É nesse contexto que nos dedicamos a escrever o corrente artigo. Este tem como propósito analisar criticamente a questão da fome em meio à disseminação do vírus da COVID-19. Partimos da premissa de que o sistema alimentar global, sob a mundialização do

capital e pautado nos monopólios e nas *commodities*, priva a classe trabalhadora do acesso regular aos alimentos e potencializa a fome. Salientamos, porém, que são os trabalhadores localizados nos países periféricos que estarão mais vulneráveis às consequências da pandemia, em face da precarização laboral que lhes acomete e das contradições do vigente sistema alimentar global.

O conteúdo do texto se vale de dados secundários, provenientes do exame das projeções de organismos multilaterais, majoritariamente, vinculados à Organização das Nações Unidas (ONU) e de reportes estatísticos oficiais de Estados e empresas. Também lança mão de matérias jornalísticas que abordam o tema da fome em meio à pandemia. Autores da Geografia e de outros ramos das Ciências Humanas servem como referência para a consecução do esforço reflexivo.

O artigo possui duas partes. Na primeira é realizada uma contextualização da fome antes da COVID-19, elencando os principais informes acerca dos impactos da disseminação do vírus sobre os subalimentados. Na segunda é produzida uma análise sobre algumas das determinações da fome na atualidade, dando destaque às contradições iminentes a um sistema alimentar global, sob a mundialização do capital.

Por fim, esperamos que o texto contribua na identificação e adequada análise das contradições do vigente sistema alimentar global, que recrudesce a vulnerabilidade da classe trabalhadora no contexto da expansão pandêmica da COVID-19.

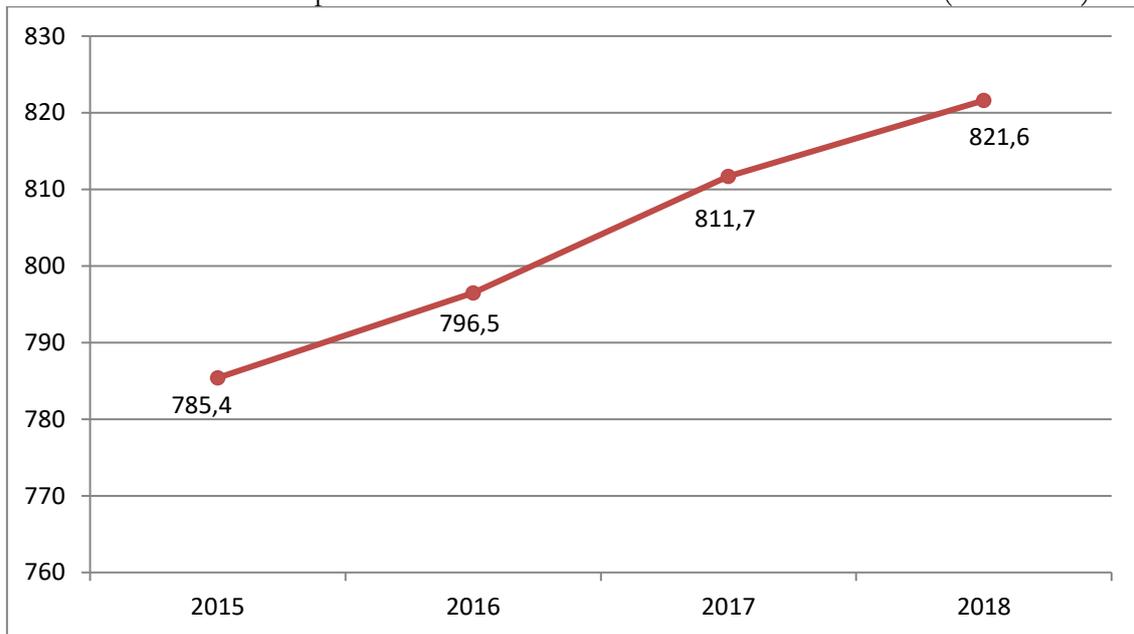
COM A COVID-19 CRECEM AS HORDAS DE FAMINTOS PELO MUNDO

“Na maior favela da capital do Quênia as pessoas desesperadas para comer provocaram uma debandada, durante uma recente distribuição de farinha e óleo de cozinha, deixando dezenas de feridos e duas pessoas mortas. Na Índia milhares de trabalhadores fazem fila duas vezes por dia para pão e legumes fritos a fim de manter a fome sob controle. Em toda Colômbia, famílias pobres penduram roupas e bandeiras vermelhas nas janelas e varandas como sinal de que estão com fome” (DAHIR, 2020, s/n).

A epígrafe que inaugura a presente reflexão foi extraída de uma das matérias do jornal estadunidense, *The New York Times*, publicada em 22 de abril de 2020. A familiaridade com os estereotipados relatos dos impactos da fome, suscitados por Davis (2002) e Caparrós (2016), em seus famosos opúsculos, não se trata de eventual e infeliz coincidência. A fome continua a atormentar a vida de milhões no mundo e tende a se agravar à medida que a COVID-19 se dissemina nas fileiras da classe trabalhadora, sobretudo, dos países periféricos.

Antes do advento da COVID-19, os dados da Food Agriculture Organization (FAO, 2019), vinculada à ONU, já apontavam que o contingente global de famintos estava aumentando, contrariando a meta da própria entidade de eliminação da fome até o ano de 2030². Conforme é possível visualizar no gráfico 1, foi registrada, entre 2015 e 2018, uma elevação de mais de 36 milhões no número de pessoas subalimentadas.

Gráfico 1 - Mundo: pessoas subalimentadas em milhões de indivíduos (2015-2018)



Fonte: FAO/ONU, 2019. Organização: Autor, 2020.

Ou seja, 821,6 milhões de pessoas, o equivalente a quase 11% da população mundial, não têm acesso regular à alimentação. Um dado certamente alarmante que revela a contradição entre a abundante produção global de alimentos e o contingente expressivo da população que não consegue acessá-los.

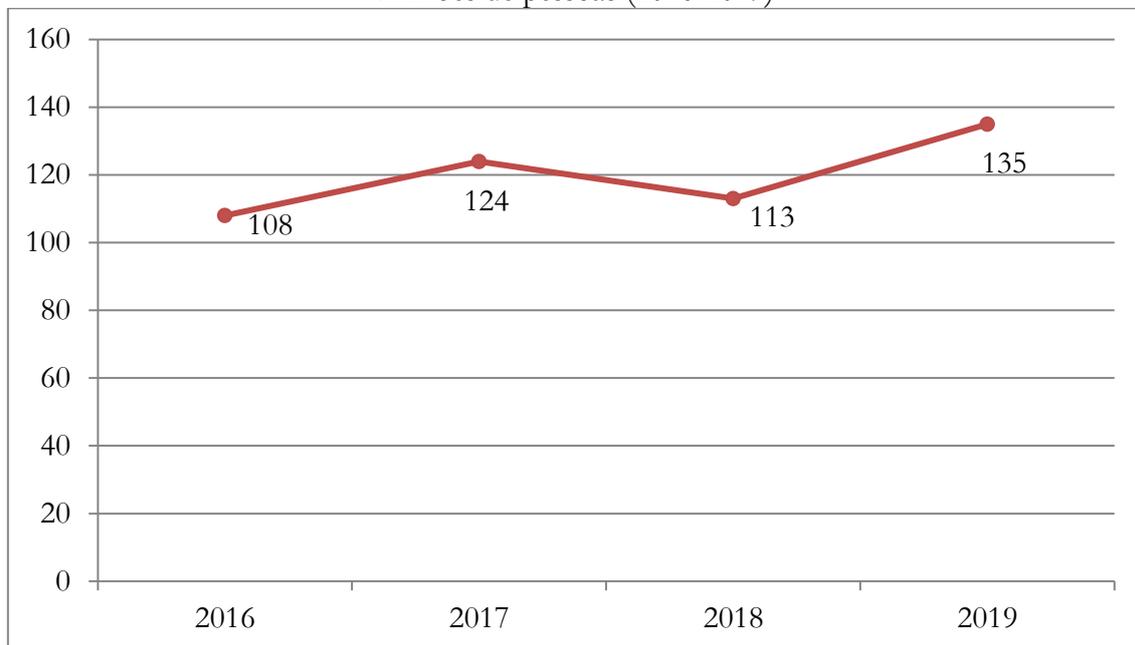
De acordo com a FAO/ONU (2019), 113 milhões do total de 821 milhões de pessoas enfrentavam uma aguda insegurança alimentar em 2018. Recentemente, a Food Security Information Network (FSIN, 2020), uma rede que envolve organizações governamentais e não governamentais, publicou um estudo, intitulado Rede Global contra as Crises Alimentares, no qual afirma que em 2019 o número de pessoas com fome aguda³ havia

² A ONU lançou em 2015, durante a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Agenda 2030, na qual elenca, dentre outras metas, a eliminação da pobreza e da fome até 2030 (UN, 2015).

³ A fome aguda é uma subalimentação severa.

saltado de 113 milhões para 135 milhões, a maior marca dos últimos quatro anos, como consta no gráfico 2.

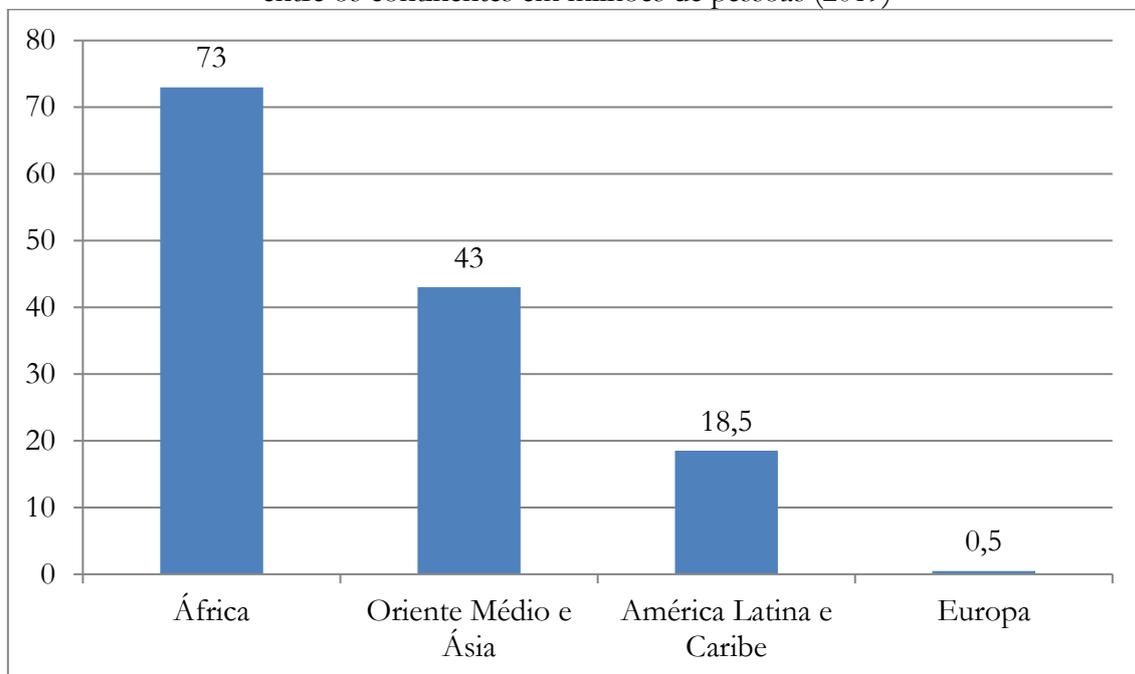
Gráfico 2 - Mundo: Situação de pessoas em situação de insegurança alimentar aguda em milhões de pessoas (2016-2019)



Fonte: FSIN, 2020. Organização: Autor, 2020.

Essa parcela de vulneráveis entre os vulneráveis está distribuída entre quatro continentes. O gráfico 3 revela a desigual espacialização desses sujeitos. A África concentra mais de 50% dessa população, com 73 milhões de pessoas. Em seguida, vem o Oriente Médio e a Ásia, com 43 milhões de pessoas, a América Latina e o Caribe, com mais de 18 milhões e, por fim, a Europa, com menos de 1 milhão.

Gráfico 3 - Mundo: Distribuição das pessoas em situação de insegurança alimentar aguda entre os continentes em milhões de pessoas (2019)



Fonte: FSIN, 2020. Organização: Autor, 2020.

Em razão da emergência da COVID-19, o World Food Programme⁴ (WFP, 2020c), vinculado à ONU, estima que até o final de 2020 haverá um acréscimo de 130 milhões de pessoas vítimas de insegurança alimentar aguda, alcançando um total de 265 milhões de indivíduos. Ainda de acordo com a estimativa, a população dos países periféricos será a mais atingida, notadamente, a dos países da África Subsaariana e do Oriente Médio, onde se registram conflitos armados e se localizam campos de refugiados.

⁴ Programa Mundial de Alimentos.

A respeito da iminente possibilidade de que os pobres sofram com a pandemia do vírus e com a fome, a FSIN (2020) aponta que a COVID-19 pode arrasar com os meios de subsistência das pessoas e sublinha que os trabalhadores informais do campo e da cidade estão entre os mais fragilizados. Também menciona que a população com insegurança alimentar costuma apresentar desnutrição aguda e crônica de micronutrientes, além de problemas de saúde subjacentes, que enfraquecem seu sistema imunológico, deixando-a mais suscetível a desenvolver sintomas mais graves da COVID-19. Por fim, adverte que se nada for feito alguns países poderão enfrentar uma situação atípica, na qual salvarão a população do vírus para que, em seguida, as pessoas morram de fome.

A Internacional Labour Organization⁵ (ILO, 2020) publicou um breve informe em que trata da delicada situação dos trabalhadores informais durante a pandemia. Neste documento a ILO argumenta que para 1,6 bilhões de trabalhadores informais o dilema é, suficientemente, claro e dramático: morrer de fome ou morrer de vírus. E acrescenta que o contingente de informais alcançará mais de 2 bilhões de pessoas em 2020, representando 62% do total de trabalhadores do mundo.

Os reportes de meios oficiais e de matérias jornalísticas nesses meses iniciais da disseminação da COVID-19 têm confirmado o temido prognóstico. Semanalmente, são publicadas diversas notícias que retratam as dificuldades de acesso à alimentação e o desafio do enfrentamento à ameaça do vírus em meio a uma outra ameaça: a da fome.

Na Índia, segundo país mais populoso do mundo, a fome que já era uma realidade tangível, ameaça tanto quanto os efeitos da disseminação do vírus e já são registrados saques de alimentos (DAHIR, 2020). Num país marcado por uma brutal desigualdade, destaca Musahar (2020), a fome é uma possibilidade real e pode sacrificar a vida de muitos indianos.

Na África, continente historicamente marcado pela pilhagem imperialista, pela pobreza e pela fome, a situação é preocupante. Em países do oeste africano há registros de saques e de disparada dos preços de alimentos. Em Burkina Fasso, por exemplo, há relatos de aumento considerável no preço do milho e do óleo de cozinha (OXFAM, 2020). Nas partes central e leste do referido continente é provável que mais de 70% das pessoas passem fome e tenham sede se tiverem que ficar 14 dias em casa, sob quarentena (BBC, 2020). Somália⁶ e Sudão do Sul importaram mais de 40 milhões de toneladas de cereais em 2018 e se mostram vulneráveis diante das incertezas de oferta de alimentos (WFP, 2020c).

⁵ Organização Mundial do Trabalho (OIT).

⁶ Na Somália, o aumento da fome e piora das condições sociais têm impulsionado a violência de gênero, especialmente, a vil prática da mutilação genital feminina. Esta última é tomada por homens como um meio de conseguir dinheiro durante a pandemia (GLOBAL CITIZEN, 2020).

Entre os países da América Latina e do Caribe, a situação é igualmente preocupante. O WFP teme que a pandemia de COVID-19 se transforme, pasmem, numa pandemia de fome e estima 10 milhões a mais de famintos até o encerramento do ano. Em 2019 esse número era de 3,4 milhões de pessoas (WFP, 2020b). De acordo com a FAO e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (FAO/ONU; CELAC, 2020), cerca de 1/3 da população – o equivalente a 188 milhões de indivíduos – se encontrava em algum grau de insegurança alimentar, antes do advento da COVID-19. Somente a América do Sul concentrava 55% dos subalimentados desse total. A previsão aponta para um acréscimo no contingente de pessoas com dificuldade de acesso à alimentação.

Es altamente probable que la pandemia de Covid-19 repercutirá en un incremento del hambre y la pobreza en América Latina y el Caribe (FAO/ONU; CELAC, 2020, p. 3).

É importante mencionar que o desembarque da pandemia na América Latina e no Caribe intensifica não somente o drama da fome, mas outras dimensões da vida precarizada da maioria dos trabalhadores. A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2020) divulgou um boletim no qual menciona que os trabalhadores informais – parcela que representa 53,1% do total de empregados do subcontinente – serão estupidamente afetados durante a pandemia. No citado boletim consta também que haverá, em 2020, um acréscimo de quase 40 milhões de pessoas vivendo entre a pobreza e extrema pobreza.

As informações dão conta de que a fome campeia em países da América Latina e do Caribe durante a pandemia. Estima-se que 300 mil peruanos deixaram a capital, Lima, por não terem moradia e comida. Santiago e outras cidades chilenas se transformaram em palco de protestos por comida (CARTA MAIOR, 2020), num país crescentemente dependente de importação de grãos (ARBOLEDA, 2020). No México, foi registrada uma redução de mais de meio milhão de postos de emprego, em abril (IMSS, 2020), e uma das confederações patronais advertem para a iminente possibilidade de saques, na Cidade do México, por causa da fome (EL HERALDO, 2020).

No que se refere ao Brasil, a pandemia tem acelerado seu retorno ao famigerado Mapa da Fome. Antes da COVID-19, o país já vivia a tormentosa expectativa de retorno à indesejada lista, fruto da desestruturação da política de segurança alimentar – ensejada, ainda, no governo do ex-presidente Michel Temer e aprofundada no primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro – e da precarização do trabalho, em destaque, a elevação do emprego informal, que acaba impactando na renda e na proteção social dos trabalhadores. Cabe registrar que em fevereiro de 2020, portanto, momento anterior à disseminação da pandemia no Brasil, o

IBGE (2020) publicou uma pesquisa dando conta de que a informalidade batera recorde, alcançando 41,1% da população ocupada, o maior percentual desde 2016.

Com o advento da COVID-19 está cada vez mais evidente que o Brasil deverá até o final de 2020 ter seu nome listado, mais uma vez, no Mapa da Fome. Em recente entrevista, concedida ao jornal Estado de São Paulo (2020), Daniel Balaban, chefe do Escritório Brasileiro do WFP, afirmou que o país possui um alto número de pessoas na extrema pobreza e que caminha em meio aos efeitos econômicos da COVID-19 para voltar a figurar no Mapa da Fome. Esta avaliação é compartilhada pelo ex-diretor da FAO/ONU, José Graziano, que em entrevista ao jornal Brasil de Fato (2020) afirmou que a pandemia e o desmonte da política de segurança alimentar empurram o Brasil para seu retorno à desprestigiada lista da fome.

Os trabalhadores brasileiros, residentes nas periferias urbanas e comunidades rurais, já se deparam com o espectro da fome. Em Heliópolis, maior favela da cidade de São Paulo, vários moradores relatam que o auxílio emergencial de R\$ 600,00, oferecido pelo governo federal durante a pandemia, é insuficiente para aquisição dos alimentos necessários, por conseguinte, dependem da doação solidária de alimentos por parte de organizações não governamentais (DW, 2020). Situação similar é enfrentada por muitos moradores dos bairros da Levada e do Vergel, na capital alagoana, Maceió. Sem emprego fixo e amargando a compulsória instabilidade do trabalho informal, dependem, sobretudo, da ajuda de terceiros para se alimentarem durante a pandemia (UOL, 2020).

MONOPÓLIOS E COMMODITIES, QUANDO A FOME É O QUE MENOS IMPORTA

É fato incontestável que a pandemia de COVID-19 aumenta os níveis de vulnerabilidade social e potencializa a fome entre fileiras numerosas da classe trabalhadora mundial, sobretudo, aquelas radicadas nos países periféricos, onde as condições de reprodução dos trabalhadores são ainda mais precarizadas. Não é despropositado o alerta da ILO (2020) de que as consequências da pandemia incidam na elevação da informalidade – a qual atinge, atualmente, 90% do total de empregos de países de renda baixa e 18% daqueles com as mais altas rendas – e, por conseguinte, impeçam ou dificultem o acesso à alimentação.

Entretanto, a fome não foi gestada pela COVID-19, ela é anterior à disseminação do vírus. Antes mesmo do advento da COVID-19, a FAO/ONU (2019) já havia emitido sinal de alerta para a curva ascendente da fome desde o ano de 2015.

Em que pese a relevância dos diagnósticos e das projeções – elaborados por organismos multilaterais como a ONU, a FAO, a ILO, a CEPAL e outros – acerca dos

efeitos da COVID-19 sobre a insegurança alimentar, aqueles se mostram incapazes de identificar as determinações essenciais da fome, perscrutando um itinerário discursivo que oculta as contradições do sistema alimentar global no bojo do capital mundializado. Como corretamente raciocinou Katz (2020), não há maneira de compreender o que ocorre durante a pandemia se o desconectamos de suas bases capitalistas.

A mundialização do capital, assentada, de acordo com Chesnais (2001), na liberalização e desregulamentação das trocas, na privatização de importantes determinações da vida social, no desemprego e na hegemonia do capital financeiro, é responsável por potencializar os efeitos da pandemia, uma vez que o vírus da COVID-19 se dissemina em populações subalimentadas e trabalhadores crescentemente precarizados.

É preciso considerar que na mundialização do capital “encontram-se formas cada vez mais concentradas de capital industrial e financeiro que detêm um poder econômico sempre maior” (CHESNAIS, 2001, p. 7). Essas formas concentradas de capital que, à luz de Lenin (2002)⁷, chamamo-las de monopólios, estão imiscuídas com um dos elementos centrais da reprodução social da vida, a alimentação.

Compreende-se, portanto, que a vigente arquitetura do sistema alimentar global é dirigida hegemonicamente pelos monopólios. Trata-se de um processo cujas bases iniciais foram lançadas ainda na segunda metade do século XIX, com a canalização da produção de grãos dos países periféricos ao frenesi especulativo das bolsas e como oferta regular de alimentos às economias imperialistas (DAVIS, 2003; MADELEY, 2003; CAPARRÓS, 2016). Todavia, adquiriu conteúdo e dimensões inauditas desde o advento da mundialização do capital, no último quartel do século XX.

Os monopólios comandam as cadeias globais de alimentos e possuem uma agenda escancaradamente regressiva, que comporta as investidas contra as terras de camponeses e povos tradicionais, a apropriação das águas, a privatização e a uniformização de códigos genéticos, o extermínio das sementes crioulas, o desflorestamento e o deslocamento do Estado das atribuições de organização, de produção, de distribuição e de circulação dos alimentos.

Acerca desse último elemento mencionado, o deslocamento do Estado, é preciso sublinhar que isso não significa, nem de longe, o seu fim, pois “as relações capitalistas não podem desenvolver-se sem a ação efetiva da governabilidade para assegurar os direitos de propriedade” (CONCEIÇÃO, 2013, p. 89). Dessa forma, consolidou-se, no contexto da

⁷ Lenin não escreveu sobre a mundialização do capital – pois suas condições objetivas não estavam postas – mas foi um dos pioneiros no estudo marxista do imperialismo, em que a discussão sobre os monopólios goza de centralidade.

mundialização do capital, uma provisão predominantemente privada de alimentos. Esta consiste no papel exercido pelo mercado de “único regulador do abastecimento alimentar das populações nacionais” (OLIVEIRA, 2015, p 240).

Uma das manifestações do deslocamento do Estado⁸ – e que se mostra bem evidente durante a pandemia de COVID-19 – encontra-se no enfraquecimento e/ou na extinção de companhias estatais de abastecimento de muitos países. A estocagem pública de alimentos, medida fundamental para se evitar a disparada de preços e a escassez de itens essenciais da alimentação das populações, foi privatizada (MARQUES, 2011; GOLDFARB, 2012).

Em detrimento do Estado, são as gigantes corporações empresariais, como denominou Patel (2008), ou as transnacionais agro-químico-alimentar e financeiras, como cunhou Thomaz Jr. (2008), que dão as cartas, mediante uma economia de escala capaz de incidir na produção e de açambarcar a distribuição e a circulação de imensos contingentes de alimentos. Elas valem-se das tecnologias de comunicação e transporte, entabulando circuitos longos de distribuição das mercadorias, que resultam na verticalização das trocas e na crescente dependência da sociedade a seus movimentos de mercado.

Exercem um monopólio de fato sobre o conjunto da cadeia alimentar, da produção à distribuição varejista, passando pela transformação e a comercialização dos produtos, do que resulta a restrição das escolhas de agricultores e consumidores (ZIEGLER, 2013, p. 151; 152).

No Brasil, os efeitos da provisão predominantemente privada de alimentos são visíveis. A Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e outras empresas vinculadas ao Estado estão fragilizadas e se mostram incapazes de interferir decisivamente nesse momento de pandemia, em que a ameaça da fome a uma parcela expressiva da população é uma possibilidade tangível. Ao longo das últimas décadas, os estoques de grãos das empresas estatais sediadas no país foram reduzidos e/ou esvaziados. Entre 1995 e 2019 foi registrada uma queda de mais de 95% nos estoques públicos de arroz e milho. No tocante ao feijão, a leguminosa mais apreciada no país, além da queda de suas reservas, não há registro de sua presença em estoques públicos há, pelo menos, cinco anos (CONAB, 2020).

Situação similar também é detectada em outros países. Na Índia, embora as reservas de grãos em empresas estatais não tenham sido colapsadas como no Brasil, os estoques públicos não foram fortalecidos. Até 1º de janeiro de 2020 as reservas estavam em um patamar menor que os estoques de dezoito anos atrás (GOVERNMENT OF INDIA, 2005;

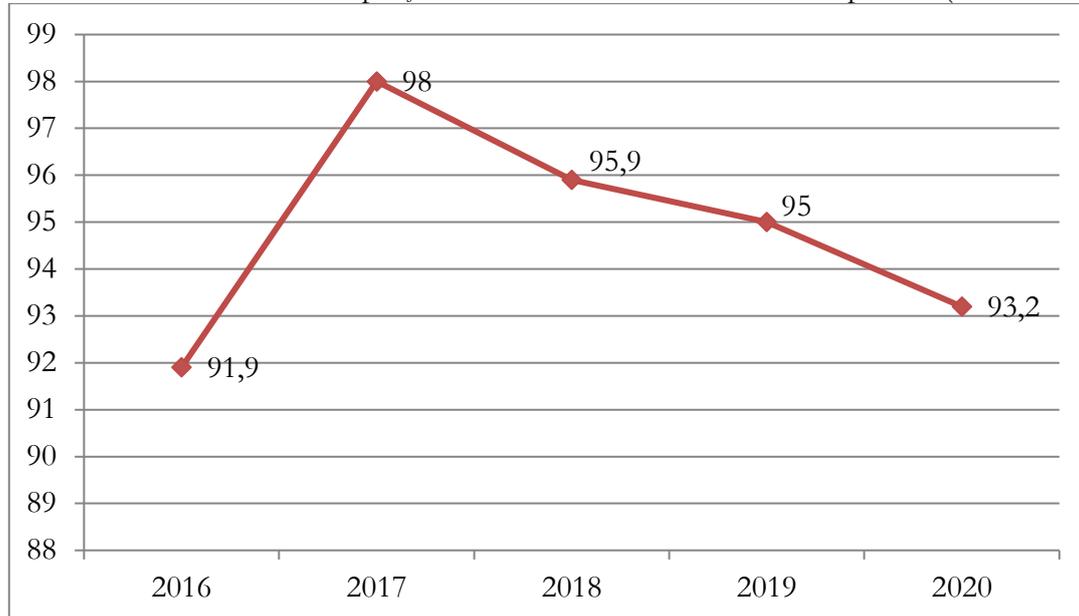
⁸ Existem outras que não serão objeto de análise desse artigo, a exemplo da extinção de programas de apoio à produção e aquisição de alimentos da agricultura camponesa e fim de empresas públicas assistência técnica e extensão rural.

2020). A Somália, país classificado pela FAO/ONU (2019) como altamente dependente da importação de *commodities*, foi capaz de produzir seus próprios alimentos até meados da década de 1970, quando tiveram início as medidas de desregulamentação do comércio, muito bem aproveitadas pelos monopólios (STEVE, 2017). Na Argentina, por seu turno, a privatização da Junta Nacional de Grãos na década de 1990, operada pelo então presidente Carlos Menem, levou a brutal liberalização dos preços dos alimentos (JUÁREZ, 2020). Hoje, o país produz alimentos para mais de 400 milhões de argentinos, número quase 10 vezes superior ao tamanho de sua população, mas a fome é um problema candente para os trabalhadores (SILVA, 2019).

Além da privatização das provisões de alimentos, o sistema alimentar global está profundamente imbricado com o capital financeiro. Parcela importante dos alimentos foi convertida em *commodities*, mercadorias com preços fixados em escala global e que são objetos da alavancagem financeira: trata-se da financeirização da agricultura global (RUBIO, 2008; LIMA, 2015; 2019; PRASHAD, 2020). Em outras palavras, há um complexo arranjo institucional em escala global, por meio do qual os *players* (tradings, fundos de investimento, fundos de pensão, etc.) especulam em bolsas de valores com os alimentos produzidos (SILVA, 2008). Um dos indicadores dessa imbricação entre o sistema alimentar global e o capital financeiro é o índice de preços das *commodities*, divulgado mensalmente pela FAO/ONU e medido em pontos.

No gráfico 4 consta o índice de preços das *commodities* entre 2016 e junho de 2020. Há uma queda de quase dois pontos entre 2019 e 2020, saindo, respectivamente, de 95,0 para 93,2. Este novo valor se aproxima do registrado em 2016, a saber, 91,9. Entretanto, a citada queda, em meio à pandemia de COVID-19, não pode ser tomada como um sinal positivo. É preciso reconhecer que a dinâmica bursátil é bem mais complexa, pois ainda que se verifique uma tendência declinante do índice de preços, este fato não necessariamente corresponde a maior capacidade de oferta ou de compra de alimentos: em síntese, muitas pessoas continuarão privadas do acesso à alimentação.

Gráfico 4- Mundo: Índice de preços dos alimentos commodities em pontos (2016-2020*)



*Até junho de 2020.

Fonte: FAO/ONU, 2020a. Organização: Autor, 2020.

Ademais, em decorrência dessa insidiosa relação entre o sistema alimentar global e o capital financeiro, as toneladas de *commodities* faustamente produzidas em grandes propriedades de monocultivos distribuídas no globo, especialmente, entre os trópicos, não são destinadas a prover a segurança alimentar das pessoas. Elas podem ser empregadas como ração animal, como biocombustíveis e, em última instância, para comporem os estoques privados dos monopólios, que por operarem numa economia de escala, conseguem manter imensas reservas, retendo-as especulativamente à espera de ganhos futuros.

A inclusão de produtos agropecuários no mercado futuro de commodities foi feita inicialmente com o objetivo de responder à necessidade de cobertura de risco de preço, transferindo o risco da produção para agentes especuladores do mercado financeiro. O aumento do volume de capital especulativo e a decisão dos Estados nacionais de não mais investirem em estoques reguladores fez dos produtores rurais reféns dos preços estipulados pelos especuladores financeiros, que transformam definitivamente a comercialização de produtos agrícolas em um negócio, em que a garantia de acesso da população aos alimentos é o que menos importa (GOLDFARB, 2012, p. 51; 52).

Assim, o WFP ao invocar a continuidade do comércio global de alimentos, como medida de contenção à ampliação da fome, durante a pandemia de COVID-19 (WFP, 2020c), comete um grave equívoco. Em primeiro lugar, porque as cadeias de suprimento costumam

fracassar com oscilações súbitas na demanda, afinal, os algoritmos que regem seu funcionamento são programados para economizar custos das corporações empresariais (HUBER, 2020). Em segundo lugar, como advertiu Madeley (2003, p. 67), “mais comércio de alimentos não significa mais alimento produzido ou mais comida para os famintos”. Pelo contrário, a “perversa consequência da integração global de mercados é a exportação da privação” (MCMICHAEL, 2016, p. 84), já que a oferta de alimentos é controlada pelos monopólios que, imperativamente, determinam os fins e as rotas e, quando conveniente, interrompem a distribuição e/ou a comercialização dos gêneros. É forçoso lembrar que “as leis do mercado fazem com que unicamente a demanda solvável seja atendida” (ZIEGLER, 2013, p. 277), ou seja, o que pode ser comprado. Não é a superação da fome que serve como guia para os monopólios, mas a infundável medida dos lucros.

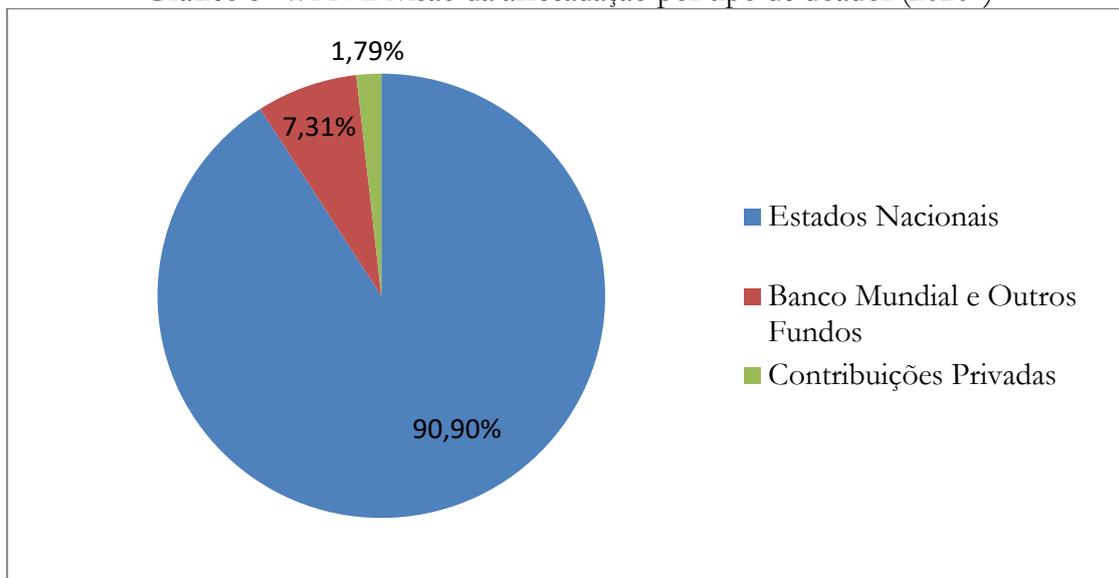
Ilustrativamente, cabem três exemplos aqui. O relatório do primeiro trimestre de 2020 da PepsiCo, uma das gigantes corporações empresariais do setor de alimentos, registra que a empresa reúne “esforços” para levantar 50 milhões de dólares em alimentos e equipamentos para vítimas da COVID-19, mas anuncia também que tem uma estimativa de lucros para seus acionistas de 7,5 bilhões de dólares (PEPSICO, 2020). Essa possível remuneração dos acionistas da PepsiCo é um montante bem superior aos recursos disponíveis ao WFP para o combate à fome durante a pandemia de COVID-19, que alcançaram pouco mais de 4,1 bilhões de dólares até 14 de junho de 2020 (WFP, 2020a). A Nestlé, uma outra gigante empresarial, realizou assembleia geral, em abril de 2020, na qual divulgou a remuneração em mais de 8 bilhões de dólares a seus acionistas⁹ (NESTLÉ S.A., 2020), quase o dobro das contribuições recebidas pelo WFP. De forma mais “modesta”, a norteamericana ADM, uma das quatro maiores comercializadoras de grãos do mundo¹⁰, publicou um reporte em que informa um retorno, em 2019, de 940 milhões de dólares aos seus acionistas (ADM, 2020a), valor nove vezes maior que o total de recursos doados por fundos privados ao WFP no mesmo ano e mais de doze vezes superior aos recursos doados pelos fundos privados até junho de 2020, em plena pandemia de COVID-19 (WFP, 2019; 2020a). Mais recentemente, a empresa divulgou relatório do primeiro trimestre de 2020 no qual informa um retorno aos acionistas quase 10% maior que o trimestre de 2019 (ADM, 2020b).

⁹ O maior acionista da Nestlé é o fundo mútuo de investimento BlackRock que, por sua vez, é o maior fundo do mundo, detentor de ações de outras empresas (TOUSSAINT, 2020), vinculadas ao sistema alimentar global.

¹⁰ A Archer Daniels Midland (ADM) forma junto com suas concorrentes Bunge, Cargill e Louis Dreyfus, o acrônimo ABCD, que se refere ao quarteto que hegemoniza o comércio global de commodities agrícolas.

Vale destacar que o WFP tem seu orçamento anual formado majoritariamente por recursos doados pelos Estados nacionais. Valores de fundos privados, como corporações empresariais, costumam corresponder, em média, a menos de 5% do montante recebido pelo programa (WFP, 2020d). Em 2020, o valor proveniente de contribuições privadas não alcançou sequer 2% do total acumulado, como consta no gráfico 5. Mais de 90% dos recursos disponíveis derivaram de doações estatais. Portanto, o combate à fome para os monopólios é mera bravata, um exercício de retórica funcional aos seus interesses. Como disse Ziegler (2013, p. 157), eles atuam como “inimigos jurados do direito à alimentação”.

Gráfico 5- WFP: Divisão da arrecadação por tipo de doador (2020*)



*Até 14 de junho de 2020.

Fonte: WFP, 2020a. Organização: Autor, 2020.

Uma questão não menos importante e que se relaciona com o sistema alimentar global é a imposição de hábitos alimentares e a uniformização de códigos genéticos por parte dos monopólios. Como estes aspiram controlar e acelerar o processo de rotação do capital (P-D-C-C) usam variados expedientes a fim de disseminar um consumo dependente de seu portfólio. O aumento da comercialização de proteína animal, a difusão de sementes transgênicas e de agrotóxicos e a circulação de alimentos ultraprocessados, estes denominados de “junk foods” ou “comida chatarra” – que são excessivamente calóricos e pobres em nutrientes – estão entre suas principais ações (ESTEVE, 2017), impactando culturas alimentares e colapsando a agrobiodiversidade (LIMA; SANTOS, 2018).

É preciso mencionar que a imposição de hábitos alimentares possui relevância no âmbito da reflexão sobre a COVID-19 e a questão da fome. Além de serem provenientes de

uma assustadora manipulação de dados científicos¹¹, analisada em detalhes por (NESTLE, 2019), a difusão de alimentos ultraprocessados pelos monopólios tem provocado a ampliação da obesidade e de doenças, como o diabetes tipo II, e deficiências nutricionais (POLLAN, 2007; POLLAN, 2020; SEBASTIÁN, 2009). No que se refere à obesidade, ela triplicou entre 1975 e 2016, atingindo mais de 2 bilhões de pessoas, sendo que 70% desse total encontram-se em países com baixos e médios salários (WHO, 2020; WORLD BANK, 2020). Os casos de diabetes¹² foram similarmente aumentados, saltando de 108 milhões, em 1980, para 422 milhões, em 2014, e apresentando taxa de mortalidade maior em pessoas com menos de 70 anos de países, novamente, de salários menores (WHO, 2016). Trata-se de um fenômeno que acomete os trabalhadores, deixando-os mais suscetíveis aos ataques do atual vírus pandêmico, como frisou Salama (2020).

A uniformização de códigos genéticos também cobra seu preço. Desde 1990 mais de 400 milhões de hectares de florestas foram perdidos em todo o globo para cederem lugar a outros usos, principalmente, pecuária e agricultura (FAO/ONU, 2020b). Entre 1997 e janeiro de 2020, foram registrados crescimentos de 28%, 30% e 92% das produções de carne bovina, suína e aviária, respectivamente (USDA, 2001; 2020). No período de 2000 a 2019, também foram notificados acréscimos de 66% e 40% das superfícies cultivadas com soja e milho, respectivamente (USDA, 2003; 2020). Assim, o comércio global de *commodities* galvanizou a produção industrial de proteína animal e os extensos monocultivos de grãos, sendo o maior responsável pela perda de cobertura vegetal primária.

Essa crescente perda de agrobiodiversidade em nome da uniformização genética provoca efeitos, demasiadamente, perigosos. Wallace (2020) argumenta que a derrubada de florestas, com o propósito de estabelecer monocultivos de grãos e criação industrial de animais confinados, produz um ambiente propício para a liberação de agentes patogênicos de seus hospedeiros naturais. O *modus operandi* da produção em larga escala e geneticamente simplificada de proteína animal tem sido um laboratório para o surgimento de doenças zoonóticas¹³ e pandemias¹⁴ (GRAIN, 2008; 2020).

De acordo com Ribeiro (2020), há consenso científico de que o vírus da COVID-19, a exemplo de outros vírus recentes, como o H1N1 (gripe suína) e o SARS (gripe aviária),

¹¹ A respeito da manipulação científica, Nestle (2019) revela que a conhecida Hershey Company pagou a pesquisadores para que publicassem um suposto estudo científico no qual havia a recomendação de incorporação de chocolate amargo para a redução do risco de doenças coronarianas.

¹² A Organização Mundial da Saúde não possui dados estatísticos globais para diferenciar a prevalência dos dois tipos de diabetes.

¹³ Doenças que podem ser transmitidas de animais para humanos.

¹⁴ A FAO/ONU (2020b) não descarta que o vírus da COVID-19 tenha relação com a crescente perda de área florestal.

derivou de animais e, posteriormente, afetou os humanos. Nesse sentido, não é desarrazoada a hipótese que o vírus da COVID-19 tenha se originado de morcegos que, em seguida, transmitiram-no a suínos barbaramente encapsulados para engorda e imunodeprimidos – em face das ingestões diárias de rações transgênicas e antibióticos – no interior dos galpões industriais (WALLACE, 2020; FIEBRIG; BOMBARDI; NEPOMUCENO, 2020).

O atual sistema alimentar global, sob a mundialização do capital e dirigido pelos monopólios, é estupidamente pródigo em sujeitar a sociedade a consequências devastadoras. Sob a narrativa mistificadora da inevitável necessidade de elevação da oferta de alimentos, leva a cabo um desequilíbrio socioambiental sem paralelo próximo. Como afirmou Wallace (2020), é impossível idealizar um sistema melhor para produzir doenças mortais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alcance pandêmico do vírus da COVID-19 elevou os níveis de vulnerabilidade social da classe trabalhadora e acendeu o sinal de alerta de organismos multilaterais para uma notável escalada de fome em importantes contingentes da população do planeta, notadamente, entre as pessoas dos países da periferia capitalista.

As informações que circulam dão razoáveis créditos às preocupações. De Nova Deli a Bogotá, de Cidade do México a Lagos, de periferias brasileiras ao Chifre da África, têm surgido relatos de cenas de famintos à espera ou se digladiando por alimentos. Esse quadro aparentemente distópico de um planeta imerso, ao mesmo tempo, em fartura e escassez revela-se, com mais clareza, quando desvelamos as contradições do vigente sistema alimentar global no interior do capital mundializado.

Os monopólios assumiram dimensões escalares e se encarregam de organizar a produção, a distribuição, a circulação e até o consumo de alimentos. A provisão de alimentos converteu-se, predominantemente, num ato privado. Contudo, este processo jamais foi ensejado pela justa necessidade de eliminação da fome, senão pela imperiosa necessidade de reprodução do capital.

Na presente quadra histórica, alimentos não são necessariamente destinados a alimentar pessoas. São *commodities* e como tal possuem um papel muito bem definido: devem alavancar investimentos e remunerar *players*, a despeito de qualquer consequência catastrófica. Não por acaso, gigantes corporações empresariais seguem suas funestas rotinas de assembleias com acionistas e projeções de lucros, em meio a mais grave pandemia das últimas décadas, quiçá, de séculos.

Apesar de necessários, os diagnósticos e os apelos veiculados por organismos multilaterais para a contenção da fome são epifenômenos de uma crise societal mais profunda e se mostram insuficientes. É necessário ir além, ponderando suas determinações essenciais (SANTOS, 2015).

Certamente, em face do alcance da pandemia, medidas emergenciais precisam ser tomadas, especialmente, para atender as populações de países onde a produção, a distribuição e a circulação de alimentos estão absolutamente comprometidas. Por outro lado, é fundamental a realização de ações de cunho estrutural que solapem o poder dos monopólios e, obviamente, contribuam com a estratégia de superação do modo de produção capitalista, a exemplo da realização da reforma agrária, do fortalecimento da produção camponesa, do controle estatal sobre os estoques e do encerramento da *commoditização* dos alimentos. É preciso alimentar a classe trabalhadora e isso se transformou, mais do que nunca, num ato revolucionário (NOVAES, 2020).

Entendemos que a disseminação da pandemia de COVID-19 atualiza a imprescindibilidade de superação do modo de produção capitalista, em qualquer um dos seus formatos, como argutamente sublinhou Thomaz Jr. (2020), a fim de que o direito à alimentação seja definitivamente libertado dos pesados grilhões da reprodução do capital e deixe de ser uma quimera.

REFERÊNCIAS

ADM. **2020 Letter to Stockholders Proxy Statement. 2019 Form 10-K.** 2020a Disponível em: <<https://assets.adm.com/Investors/Shareholder-Reports/2019/ADM-Proxy-Materials.pdf>> Acesso em: 31 mai. 2020.

ADM. **ADM Reports First Quarter Earnings of \$0.69 per Share, \$0.64 per Share on an Adjusted Basis.** 2020b. Disponível em: <<https://investors.adm.com/news/news-details/2020/ADM-Reports-First-Quarter-Earnings-of-069-per-Share-064-per-Share-on-an-Adjusted-Basis/default.aspx>> Acesso em: 20 jul. 2020.

ARBOLEDA, Martín. **The free market can't prevent Latin America's coming food crisis.** Disponível em: <<https://www.jacobinmag.com/2020/06/latin-america-covid-19-food>> Acesso em: 20 jul. 2020.

BBC. **Coronavirus: Most Africans 'will go hungry in 14-day lockdown'.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-52557464>> Acesso em: 16 mai. 2020.

BRASIL. Companhia Nacional de Abastecimento. **Estoques por produto**. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/estoques/estoques-por-produto?start=10>> Acesso em: 5 abr. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desemprego cai em 16 estados em 2019, mas 20 têm informalidade recorde**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26913-desemprego-cai-em-16-estados-em-2019-mas-20-tem-informalidade-recorde>> Acesso em: 22 mai. 2020.

BRASIL DE FATO. **Bolsonaro deixou país vulnerável à fome e “preço será alto” na pandemia, diz Graziano**. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2020/05/21/bolsonaro-deixou-pais-vulneravel-a-fome-na-pandemia-preco-sera-alto-diz-graziano>> Acesso em: 22 mai. 2020.

CAPARRÓS, Martin. **A fome**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

CARTA MAIOR. **Latinoamerica: pandemia, hambre y malos gobiernos**. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Latinoamerica-pandemia-hambre-y-malos-gobiernos/6/47564>> Acesso em: 25 mai. 2020.

CEPAL. **América Latina y el Caribe ante la pandemia del COVID-19: efectos económicos y sociales**. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/node/51176>> Acesso em: 16 mai. 2020.

CHESNAIS, François. Mundialização: o capital financeiro no comando. In: **Revista Outubro**, São Paulo, n. 5, p. 7-28, 2001.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Estado, capital e a farsa da expansão do agronegócio. In: **Revista Meridiano**, Fortaleza, n. 2, p. 81-104, 2013.

DAHIR, Abdir Latif. **‘Instead of Coronavirus, the Hunger Will Kill Us’. A Global Food Crisis Looms**. The New York Times. New York, 22 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/22/world/africa/coronavirus-hunger-crisis.html>> Acesso em: 12 mai. 2020.

DAVIS, Mike. **Holocaustos Coloniais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DW. **Em meio à pandemia, fome ameaça maior favela de São Paulo**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/em-meio-%C3%A0-pandemia-fome-amea%C3%A7a-maior-favela-de-s%C3%A3o-paulo/a-53418955>> Acesso em: 22 mai. 2020.

EL HERALDO. **Advierte Coparmex de saqueos por hambre y aumento de robos en CDMX**. Disponível em: <<https://heraldodemexico.com.mx/tv/noticiasdelanoche/advierte-coparmex-aumento->

robos-saqueos-cdmx-coyoacan-proteccion-civil-guia-prevencion-coronavirus-mexico/>

Acesso em: 25 mai. 2020.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Brasil está voltando ao Mapa da Fome, diz diretor da ONU.** Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-esta-voltando-ao-mapa-da-fome-diz-chefe-de-agencia-da-onu,70003299359>> Acesso em: 13 mai. 2020.

ESTEVE, Esther Vivas. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?** São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. 2020a. **FAO Food Price Index.** Disponível em: <<http://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/>> Acesso em: 20 jul. 2020.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The state of food security and nutrition in the world 2019.** Disponível: <<http://www.fao.org/3/ca5162en/ca5162en.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2020.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. 2020b. **The state of the world's forests.** Disponível em: <<http://www.fao.org/3/ca8642en/CA8642EN.pdf>> Acesso em: 7 jun. 2020.

FAO; CELAC. 2020 **Seguridad Alimentaria bajo la Pandemia de COVID-19.** Disponível em: <http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/rlc/docs/covid19/Boletin-FAO-CELAC.pdf> Acesso em: 16 mai. 2020.

FREIRES, Thaís Chaves; FERNANDES, Gislane Barbosa; SOUZA, Suzane Tosta. **A fome na produção desigual do espaço – de Josué de Castro à atualidade: algumas considerações.** In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 8., 2017, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: UFPR, 2017. Disponível em: <https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt17_1506866884_arquivo_trabalhocompletodosinga.pdf> Acesso em: 30 mai. 2020.

FIEBRIG, Immo; BOMBARDI, Larissa; NEPOMUCENO, Pablo. **Sars-CoV-2, suinocultura intensiva e a agricultura industrializada.** Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/sars-cov-2-suinocultura-intensiva-e-a-agricultura-industrializada/>> Acesso em: 2 jun. 2020.

FSIN. **Global Report on Food Crisis 2020: joint analysis for better decisions.** Disponível em: <<https://www.fsinplatform.org/global-report-food-crises-2020>> Acesso em: 12 mai. 2020.

GLOBAL CITIZEN. **COVID-19 Lockdowns in Somalia are Putting More Girls in Danger of Child Marriage and FGM.** Disponível em:

<<https://www.globalcitizen.org/en/content/covid-19-lockdowns-fgm-child-marriage/>>

Acesso em: 28 mai. 2020.

GOLDFARB, Yamila. A agricultura a partir do neoliberalismo: financeirização, poder corporativo e as ameaças à soberania alimentar. In: **Revista Agrária**, São Paulo, n. 17, p. 42-58, 2012.

GOVERNMENT OF INDIA. Department of Food & Public Distribution. **Annual Report, 2004-05.** Disponível em:

<file:///C:/Users/Lucas/Downloads/..._1sGbO2W68mUlunCgKmpnLF5WHm_pdf_annual-2004-05.pdf> Acesso em: 25 mai. 2020.

GOVERNMENT OF INDIA. Department of Food & Public Distribution. **Annual Report, 2019-20.** Disponível em:

<file:///C:/Users/Lucas/Downloads/..._1sGbO2W68mUlunCgKmpnLF5WHm_Ar_2020.pdf> Acesso em: 25 mai. 2020.

GRAIN. **Viral Times. The politics of emerging global animal diseases.** Disponível em:

<<https://grain.org/e/614>> Acesso em: 30 mai. 2020.

GRAIN. **Nuevas investigaciones sugieren que las granjas industriales, y no los mercados de productos frescos, podrían ser el origen del Covid-19.** Disponível em:

<<https://www.grain.org/es/article/6438-nuevas-investigaciones-sugieren-que-las-granjas-industriales-y-no-los-mercados-de-productos-frescos-podrian-ser-el-origen-del-covid-19>>

Acesso em: 30 mai. 2020.

HUBER, Matt. **COVID-19 shows why we must socialize the food system.** Disponível em:

<<https://jacobinmag.com/2020/04/covid-food-system-coronavirus-agriculture-farming>> Acesso em: 23 jul. 2020.

ILO. **ILO brief May 2020. COVID-19 crisis and the informal economy.** Disponível em:

<[https://www.ilo.org/global/topics/employment-promotion/informal-](https://www.ilo.org/global/topics/employment-promotion/informal-economy/publications/WCMS_743623/lang--en/index.htm)

[economy/publications/WCMS_743623/lang--en/index.htm](https://www.ilo.org/global/topics/employment-promotion/informal-economy/publications/WCMS_743623/lang--en/index.htm) > Acesso em: 15 mai. 2020.

JUÁREZ, Leonardo. **Junta Nacional de Granos, para terminar con el hambre en Argentina.** Disponível em: < <https://revistacentenario.com/2020/02/27/junta-nacional-de-granos-para-terminar-con-el-hambre-en-argentina/>>

Acesso em: 28 mai. 2020.

KATZ, Claudio. **La pandemia que estremece al capitalismo (I).** Disponível em:

<<https://www.cadtm.org/La-pandemia-que-estremece-al-capitalismo-I>> Acesso em: 3 jun. 2020.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. São Paulo: Centauro, 2002.

LIMA, Lucas Gama. **A dinâmica imperialista contemporânea: capital sem fronteiras e sua (ir)racionalidade apátrida**. 2015. 303f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

LIMA, Lucas Gama. Considerações sobre a financeirização na agricultura global: o perigo do agronegócio. In: SANTOS, Josefa Lisboa; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva; SANTOS, Laiany Rose Souza. **Ajuste espacial do capital no campo e R-existências**. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019. p 12-34.

LIMA, Lucas Gama; SANTOS, Flávio dos. No Semiárido de Alagoas, a resistência germina na terra: a luta territorial em defesa das sementes crioulas. In: **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 21, n. 41, p. 192-217, 2018.

MADELEY, John. **O comércio da fome**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O novo significado da questão agrária**. Disponível em:

<http://www.geografia.ffeich.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Marta/1s2017/Marques_novo_significado_questao_agraria.pdf> Acesso em: 20 mai. 2020.

MCMICHAEL, Philip. **Regime alimentares e questões agrárias**. São Paulo; Porto Alegre: Editora UNESP; Editora da UFRGS, 2016.

NESTLE, Marion. **Uma verdade indigesta: como a indústria alimentícia manipula a ciência do que comemos**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

UN. **Transforming our world: the 2030 agenda for sustainable development**. Disponível em:

<<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/21252030%20Agenda%20for%20Sustainable%20Development%20web.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2020.

MUSAHAR, N. R. India's starvations measures. In: **New Left Review**, Londres, n. 122, p. 29-34, 2020.

NESTLÉ S.A. **Results of the 153 Annual General Meeting of Nestlé S.A. held on April 23, 2020 at 2:30 p.m. at Beaulieu Lausanne, in Lausanne, Switzerland**. Disponível em:

<<https://www.nestle.com/sites/default/files/2020-04/annual-general-meeting-2020-summary-minutes-en.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2020.

NOVAES, Henrique Tahan. **Alimentar as massas se tornou um ato revolucionário: coronavírus, o vírus do bolsonarismo e a luta ecocomunista**. Disponível em:

- <<http://otim.fct.unesp.br/alimentar-as-massas-se-tornou-um-ato-revolucionario-coronavirus-o-virus-do-bolsonarismo-e-a-luta-ecocomunista/>> Acesso em: 30 mai. 2020.
- OXFAM. **COVID-19: 50 million people threatened by hunger in West Africa.** Disponível em: <<https://www.oxfam.org/en/press-releases/covid-19-50-million-people-threatened-hunger-west-africa>> Acesso em: 16 mai. 2020.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A mundialização do capital e a crise do neoliberalismo: o lugar mundial da agricultura brasileira. In: **Geosp - Espaço e Tempo (online)**, v. 19, n. 2, p. 229-245, 2015.
- PATEL, Raj. **Obesos y famélicos: globalización, hambre y negocios en el nuevo sistema alimentario mundial.** Buenos Aires: Marea Editorial, 2008.
- PEPSICO. **PepsiCo Reports First-Quarter 2020 Results; Provides 2020 Business Update.** Disponível em: <https://investors.pepsico.com/docs/album/investors/q1-2020/q1-2020-earnings-release_gsc7s3aspin1n6tc.pdf> Acesso em: 29 mai. 2020.
- POLLAN, Michael. **O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.
- POLLAN, Michael. **The sickness in our food supply.** Disponível em: <<https://michaelpollan.com/articles-archive/the-sickness-in-our-food-supply/>> Acesso em: 21 jul. 2020.
- PRASHAD, Vijay. **Hunger gnaws at the edges of the World.** Disponível em: <<https://mronline.org/2020/05/15/hunger-gnaws-at-the-edges-of-the-world/>> Acesso em: 20 jul. 2020.
- RIBEIRO, Silvia. **Coronavirus, agronegocios y estado de excepción.** Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/ultimas/economia/2020/02/29/coronavirus-agronegocios-y-estado-de-excepcion-silvia-ribeiro-9431.html>> Acesso em: 3 jun. 2020.
- RUBIO, Blanca. De la crisis hegemónica e financiera a la crisis alimentaria. Impacto sobre el campo mexicano. In: **Revista Argumentos**, Cidade do México, v. 21, n. 57, p. 35-52, 2008.
- SALAMA, Pierre. **A pandemia como um indicador.** Disponível em: <<https://www.americalatina.net.br/a-pandemia-como-um-indicador-por-pierre-salama/>> Acesso em: 13 mai. 2020.
- SANTOS, Ricardo Menezes. A soberania alimentar como alternativa às formas destrutivas do capital. In: CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz; SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **A natureza imperialista do capital e a falácia do fim da crise.** São Cristóvão: Editora UFS, 2015. p. 357-400

SEBASTIÁN, Luis de. **Un planeta de gordos y hambrientos: la industria alimentaria al desnudo**. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.

SILVA, José Graziano da. **Argentina: aumento de hambre propio de situaciones de guerra**. Disponível em:

<https://elpais.com/elpais/2019/10/23/planeta_futuro/1571832217_800023.html>

Acesso em: 28 mai. 2020.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. Produção de alimentos e agrocombustíveis no contexto da nova divisão mundial do trabalho. In: **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v.9, n.1, p. 63-80, 2008.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Por uma “cruzada” contra a fome e o agrohidronegocio – nova agenda destrutiva do capitalismo e os desafios de um tempo não adiado. In: **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v.9, n.1, p. 8-34, 2008.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **O pior está porvívus: em defesa da classe trabalhadora para além da pandemia da COVID-19**. Disponível em: <<http://otim.fct.unesp.br/o-pior-esta-porvirus-em-defesa-da-classe-trabalhadora-para-alem-da-pandemia-da-covid-19/>>

Acesso em: 30 mai. 2020.

TOUSSAINT, Eric. **La pandemia del capitalismo, el coronavirus y la crisis económica**. Disponível em: <<https://www.cadtm.org/La-pandemia-del-capitalismo-el-coronavirus-y-la-crisis-economica>> Acesso em: 3 jun. 2020.

UOL. **Entre vírus e fome: pobres vão às ruas por doações e esperam apoio federal**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/05/entre-virus-e-fome-pobres-tomam-ruas-por-doacoes-a-espera-de-apoio-federal.htm>> Acesso em: 22 mai. 2020.

USDA. United States Department of Agriculture. **Livestock and Poultry: World Markets and Trade 2001**. Disponível em: <<https://downloads.usda.library.cornell.edu/usda-esmis/files/73666448x/pr76f381t/gq67jr501/livestock-poultry-ma-10-01-2001.pdf>> Acesso em: 7 jun. 2020.

USDA. United States Department of Agriculture. **Livestock and Poultry: World Markets and Trade 2020**. Disponível em: <https://downloads.usda.library.cornell.edu/usda-esmis/files/73666448x/n87108869/rj430q222/livestock_poultry.pdf> Acesso em: 7 jun. 2020.

USDA. United States Department of Agriculture. **World Agricultural Production 2003**. Disponível em: <<https://downloads.usda.library.cornell.edu/usda->

esmis/files/5q47rn72z/q524jp231/qz20ss890/worldag-production-01-01-2003.pdf>

Acesso em: 7 jun. 2020.

USDA. United States Department of Agriculture. **World Agricultural Production 2020.**

Disponível em: <<https://downloads.usda.library.cornell.edu/usda-esmis/files/5q47rn72z/z890sd52n/hd76sk58s/production.pdf>> Acesso em: 7 jun. 2020.

WALLACE, Rob. **De onde veio o coronavírus, e por que se espalhou?** Disponível em: <<https://editoraelefante.com.br/de-onde-veio-o-coronavirus-e-por-que-se-espalhou/>>

Acesso em: 30 mai. 2020.

WFP. **Contributions to WFP in 2019.** 2019. Disponível em: <<https://www.wfp.org/funding/2020>> Acesso em: 29 mai. 2020.

WFP. **Contributions to WFP in 2020.** 2020a. Disponível em: <<https://www.wfp.org/funding/2020>> Acesso em: 29 mai. 2020.

WFP. **Millones en riesgo de inseguridad alimentaria en America Latina y el Caribe.** 2020b. Disponível em: <<https://es.wfp.org/noticias/millones-en-riesgo-de-inseguridad-alimentaria-en-america-latina-y-el-caribe>> Acesso em: 1 jun. 2020.

WFP. **Risk of hunger pandemic as Covid-19 set to almost double acute hunger by end of 2020.** 2020c. Disponível em: <<https://insight.wfp.org/covid-19-will-almost-double-people-in-acute-hunger-by-end-of-2020-59df0c4a8072>> Acesso em: 11 mai. 2020.

WFP. **Strategic Evaluation of Funding WFP's Work. Evaluation Report: Volume I.** 2020d. Disponível em: <https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000116029/download/?_ga=2.159091066.1583886765.1590944971-468622415.1589376775> Acesso em: 31 mai. 2020.

WHO. **Global Report on Diabetes 2016.** Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/204871/9789241565257_eng.pdf;jsessionid=AC936DC9287C6BDE2D3C638A2261E8A8?sequence=1> Acesso em: 7 jun. 2020.

WHO. **Obesidad y sobrepeso.** Disponível em: <<https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight>> Acesso em: 6 jun. 2020.

WORLD BANK. **How nutrition can protect people's health during COVID-19.** Disponível em: <<https://blogs.worldbank.org/voices/how-nutrition-can-protect-peoples-health-during-covid-19>> Acesso em: 6 jun. 2020.

ZIEGLER, Jean. **Destruição em massa geopolítica da fome.** São Paulo: Cortez, 2013.

ZIZEK, Slavoj. **Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo.** São Paulo: Boitempo, 2020.

Submetido em: junho 2020
Aceito em: julho 2020